

ÁLVARES DE AZEVEDO: CRÍTICO E COMPARATISTA

DOI: 10.47677/gluks.v24i3.505

Recebido: 09/09/2024

Aprovado: 04/10/2024

WERKEMA, Andréa Sirihal¹

Resenha de SANTOS, Natália Gonçalves de Souza. *Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e a literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 2022.

“estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada”.

(Candido, 2004, p. 229)

O livro de Natália Gonçalves de Souza Santos, devo dizer logo de cara, é muito importante não apenas para os leitores e estudiosos da literatura brasileira, mas também, e nesse ponto o livro inova muito, para aqueles que se interessam pelo desenvolvimento das questões da literatura comparada no Brasil, desde o século XIX. Este não é um desenvolvimento óbvio e fácil de se demarcar ao longo da história da crítica literária brasileira e de suas relações com literaturas outras, seja ao se discutir, perdão pelo termo, as influências, ou os empréstimos, ou ainda, mais importante ainda, a própria visão que a literatura brasileira teria de si mesma entre um conjunto de literaturas, de culturas ditas hegemônicas ou não, como seria, com certeza, nosso caso no século XIX (acerca do desenvolvimento da literatura comparada no Brasil, conferir o capítulo: “Literatura nacional e literatura comparada: uma perspectiva brasileira”, em Jobim, 2020).

Além disso, o alentado estudo de Natália Santos está centrado na produção ensaística e crítica de Manuel Antônio Álvares de Azevedo, poeta, prosador, dramaturgo, e um dos grandes nomes de nossa literatura romântica. Não é fortuita a escolha da obra de Álvares de Azevedo para a discussão do tema, já que o poeta era leitor atento da tradição literária que estava a sua disposição, e dela fez usos evidentes que podem ser conferidos ao longo de toda a sua obra. A poética azevediana em si, eu diria, em seu uso de uma visão dialética e

¹ Andréa Sirihal Werkema, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutora, professora de literatura brasileira, aswerkema@gmail.com

contrastante – convivência dos opostos –, corresponde a uma atualização local e delimitada no tempo do campo de leituras do poeta (Victor Hugo, Shakespeare, Byron, Goethe, Musset, entre tantos outros), uso visível não apenas nas inúmeras citações e referências feitas por Azevedo, mas também em um aproveitamento orgânico de sugestões formais e conteudísticas que conformam sua poesia e sua prosa.

Natália Santos, no entanto, analisa quatro ensaios críticos escritos por Álvares de Azevedo: “Literatura e civilização em Portugal”, “Lucano”, “Alfredo de Musset: Jacques Rolla” e “George Sand: Aldo o rimador”. São textos que misturam, ao gosto da época e de acordo com o temperamento ultrarromântico próprio ao autor, citações variadas, traduções, apontamentos históricos e críticos, divagações e pontadas de polêmica. Para chegar à análise propriamente dita dos ensaios, a autora faz um percurso dos mais interessantes, mostrando toda a força de sua pesquisa, na medida em que percorre as páginas das revistas literárias mais consultadas por leitores brasileiros contemporâneos a Álvares de Azevedo, entre as quais se destaca de imediato a francesa *Revue des deux mondes* – mas não apenas. O trabalho da pesquisadora, de traçar citações e referências a autores, artigos e questões que aparecem na revista e nos ensaios de Azevedo é exemplar, e fundamenta a possibilidade de um pensamento comparatista já visível na obra de nosso jovem ultrarromântico, preocupado que estava em dar a sua literatura, ou à literatura brasileira, um espaço na república das letras, via alargamento dos horizontes nacionais não só pela inclusão da literatura brasileira, junto à portuguesa, numa posição de acessibilidade, mas também por refletir acerca das questões subjacentes ao comparatismo em si, já que percebe que nenhuma literatura se faz sozinha e que o diálogo intertextual é chave para que se forme uma cultura literária forte. De tal maneira, a verdadeira mania citacional de Álvares de Azevedo pode ser lida sob outra luz, já que é indício de um projeto de inserção e pertencimento de sua literatura em panoramas muito mais amplos do que nos parece à primeira leitura (vejam-se as citações de ensaios de Brito Broca feitas pela autora em seu livro, que apontam sempre para uma visão bastante depreciativa da capacidade de leitura e de aproveitamento do material lido por parte de nossos autores românticos – as citações românticas seriam apenas superficiais, de acordo com o ensaísta).

Natália Santos prossegue em seu trabalho mapeando os autores mais citados por Azevedo em seus ensaios e o papel que tais autores ocuparam na vida letrada francesa – suas

atividades acadêmicas e/ou jornalísticas, seu conhecimento das literaturas estrangeiras –, este último dado fundamental. O fato de que tais autores são precursores de um pensamento comparatista francês, que segue, em primeiro momento, as ideias relativas à *Weltliteratur* goethiana, é determinante para que a obra crítica de Álvares de Azevedo carregue também uma demanda de entendimento da literatura feita em língua portuguesa dentro de um quadro maior. O primeiro ensaio analisado trata de Portugal, de sua literatura, com uma contextualização prévia de literaturas estrangeiras (nórdicas, hindu, árabes) e excursos rápidos à literatura brasileira, para, inclusive, se posicionar frente à polêmica da nacionalidade da literatura brasileira, assumindo um papel que parece retrógrado à primeira vista, pois não admite a desvinculação da literatura brasileira da portuguesa – outro aspecto que é ressignificado à luz de seus anseios comparatistas. Dos ensaios seguintes, dois tratam de obras do Romantismo francês e outro do poeta latino Lucano, autor da *Farsália*. São exercícios de análise que partem do pressuposto romântico que ler a história ou ler um texto literário é algo semelhante à própria escrita do texto literário, o que talvez explique, ou desculpe, o volume de divagações, desvios, impressões subjetivas que deixam os textos pesados para um leitor do século XXI; e, no entanto, é tal aspecto que nos dá a verdadeira medida do pensamento de um jovem homem culto no meio do nosso século XIX.

Não é possível retrair em uma resenha todo o percurso feito pela pesquisadora Natália Santos em seu livro, que os interessados devem ler sem demora, mas eu gostaria de apontar alguns aspectos que fazem do livro objeto de grande interesse para os estudiosos da literatura brasileira e da literatura comparada no Brasil. Primeiro a afirmação de que literatura comparada se faz também de dentro das obras literárias, aspecto que nem sempre admitimos em nosso Romantismo, por certo preconceito ou por falta de exame mais demorado; Álvares de Azevedo sempre praticou, no hibridismo da maior parte de sua obra, uma utilização de materiais os mais diversos, advindos de diferentes literaturas, para chegar a uma literatura romântica brasileira não necessariamente localista ou nacionalista no sentido mais óbvio da palavra, sentido esse que era quase que obrigatório no momento em que o autor escrevia. Aliás, ele expande sua visada cosmopolita às obras analisadas nos ensaios estudados no livro aqui resenhado: obras do Romantismo francês, ou do Classicismo português, ou mesmo da Roma clássica, todas elas teriam em comum o fato de que não se limitam, não estão fechadas

num diálogo apenas consigo mesmas, apenas com o seu tempo, apenas com sua nacionalidade. No encerramento de seu livro, Natália Santos afirma:

Esse aparato auxilia o escritor a posicionar-se dentro do debate local mais importante à época: a visada localista do romantismo brasileiro. As leituras críticas de Álvares de Azevedo procuram justamente evidenciar a multiplicidade de diálogos que estão no bojo das obras que ele comenta, submetendo-as a um incessante jogo de comparação, que traz à tona sua vinculação com as questões do tempo, sem obliterar a originalidade de cada uma delas. Se tal movimento era flagrante nas literaturas de maior fôlego que a nossa, talvez fosse evidente a esse jovem comparatista o fato de que a nossa não devia se furtar às mais diversas apropriações estéticas. (Santos, 2022, p. 244)

De fato, e como segundo aspecto, a maneira como Álvares de Azevedo lida com os textos analisados em seus ensaios é surpreendentemente moderna, já que ele, num movimento praticamente schlegeliano, por exemplo, entende a tragédia portuguesa de António Ferreira, a *Castro*, publicada em 1587, mas escrita entre 1553 e 1556, como um possível texto romântico, sendo seu autor, segundo Azevedo, “o mais antigo dramaturgo do romantismo” (citado a partir de Santos, 2022, p. 133), em seu ecletismo, fantasia ardente, em sua mistura de clássico e romântico, tão ao gosto de nosso poeta. Assim também a *Farsália* de Lucano, poeta romano do século I d.C., merece de Azevedo o interesse que os textos ditos híbridos lhe causam. Além de ecoar a questão contemporânea de uma épica brasileira, o poema latino traz a marca da recusa de certos princípios aristotélicos caros a toda a tradição clássica: entre outras questões, Lucano utiliza como assunto de seu poema um assunto histórico, relativamente recente – por isso seu poema seria, para Azevedo, “uma crônica que fosse ao mesmo tempo um poema” (citado a partir de Santos, 2022, p. 174), o que ele vê como positivo, ao contrário de certa tradição crítica.

Ora, nada disso seria tão interessante, não fosse o fato de o poeta ultrarromântico utilizar em suas próprias obras as mesmas tentativas de quebrar um cânone de gêneros literários, de criar obras híbridas como são, entre outras, *Macário* e *Noite na taverna*. Aí torna-se fundamental entender a visada comparatista de Álvares de Azevedo como base e fundamento para a escrita de sua própria obra. Um livro como o escrito e publicado por Natália Gonçalves de Souza Santos joga luz intensa sobre a questão, dando um novo sentido a

tantas das questões com que se debatem os leitores de Álvares de Azevedo, do Romantismo brasileiro, da literatura brasileira. Trata-se, desde já, de leitura obrigatória para todos aqueles que têm interesse na formação de um pensamento comparatista no Brasil, a partir da reflexão sobre obras à primeira vista díspares que se reúnem sob o olhar romântico, crítico, questionador.

Referências

CANDIDO, A. “Literatura comparada”. In: CANDIDO, A. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 229-234.

JOBIM, J. L. *Literatura comparada e literatura brasileira : circulações e representações* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020. Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/2022/07/20/literatura-comparada-e-literatura-brasileira-circulacoes-e-representacoes/>

SANTOS, N. G. de S. *Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e a literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 2022.